

As influências sobre o místico de Wittgenstein: fatores basilares do teor ético e estético tractariano

The influences about the mystic of Wittgenstein: basic factors of the ethical and aesthetic tractarian content

Felipe Teider de Godoi

Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

felipe--teider@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1503875961435876>

Resumo

O presente artigo visa destacar as principais influências do teor ético-estético-metafísico que delinearam o primeiro Wittgenstein; que transita de uma preocupação lógico-matemática e crítica da linguagem para um conteúdo transcendental nos últimos aforismos do *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Esse salto entre o lógico-matemático, para o ético-estético-metafísico, será justificado pelo contato do filósofo com importantes nomes, dos quais destaca-se, Otto Weininger, Schopenhauer e Tolstói. Além das leituras feitas pelo filósofo austríaco, é mister apontar seus tormentos interiores como elementos fulcrais no desdobramento da temática da inefabilidade; reflexões que culminam no tema da valorização daquilo que é essencial e que não pode ser dito (*sagen*), mas vivenciado, numa busca pelo sentido da vida e superação da realidade factual. Demonstrar-se-á, portanto, de que modo essas ingerências, em suas diferentes manifestações, assim como, a sensibilidade ao contexto histórico e interno pessoal, tornam-se meios de expressão do inefável na vida de Wittgenstein e, da mesma maneira, como é imprescindível no resgate da essência humana, por muitas vezes, ofuscada pela racionalização exacerbada do cientificismo moderno e contemporâneo.

Palavras-chave: Wittgenstein. Teor ético-estético-metafísico. Inefável.

Abstract

This article aims to highlight the main influences of the ethical-aesthetic-metaphysical content that depicted the first Wittgenstein; who transiting from a logical-mathematical concern and critic of the language to a transcendental content in the last aphorisms of *the Tractatus Logical-Philosophicus*. This leap from the mathematical-logical to the ethical-aesthetic-metaphysical will be justified by the contact of the philosopher with important names, of which stands out, Otto Weininger, Schopenhauer and Tolstoy. In addition to the readings made by the Austrian philosopher, it is necessary to point out his inner torments as central elements in the unfolding of the theme of ineffability; reflections that culminate



in the theme of the appreciation of what is essential and that cannot be said (*sagen*), but experienced, in a pursuit by the meaning of life and overcoming of factual reality. It will be demonstrated, therefore, how these interferences, in their different manifestations, the sensitivity to the personal historical and internal context become means of expression of the ineffable in Wittgenstein's life and, likewise, as is indispensable in the rescue of the human essence, often overshadowed by the exacerbated rationalization of modern and contemporary scientism.

Keywords: Wittgenstein. Ethical-aesthetic-metaphysical. Ineffable.

Introdução

Ainda na juventude, Wittgenstein passou por uma série de situações que o impeliam à Filosofia; queria, pois, fazê-la se de fato tivesse habilidade, do contrário continuaria nos seus afazeres como engenheiro¹. Suas ideias começaram a ter vida quando, entre os anos de 1914 e 1917, em meio à Primeira Guerra mundial, inicia o escrito de um *Diário Filosófico*. Será este um espaço laboratorial para a construção da filosofia tractariana. Logo que estoura essa Grande Guerra, alista-se como voluntário e sofre na pele as intempéries desse momento, especialmente a dureza com que os militares eram tratados – traço presente na sua obra: constata um “mundo independente de sua vontade²” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 155). Este Diário:

[...] revela o drama existencial de um homem solitário que busca o sentido da vida no perigo da frente de batalha. Isidoro Reguera assim resume o significado dos Diários Secretos: (...) estas páginas são o diário de um jovem de vinte e cinco a vinte e sete anos que conta ‘sua guerra’, sua batalha diária com a vida e a morte, a carne e o espírito, consigo mesmo e com os demais, e, pelo que nos interessa acima de tudo, com seu trabalho filosófico. Uma guerra paralela à Grande Guerra, que ele escolhera voluntariamente como prova de fogo de seu caráter intelectual e moral, que para ele eram o mesmo (MARGUTTI, 1997, p. 209).

O propósito deste artigo é ater-se somente à primeira fase da vida de Wittgenstein³, especialmente a partir da perspectiva do *Tractatus* em suas últimas proposições. Verificar-se-á, que nesse caso, emerge uma atitude curiosa a respeito do autor, já que boa parte do escrito tractariano trata-se de um tema rígido e extremamente lógico. Ocorreu uma espécie de

¹ Isso é claro num diálogo que teve com Russell: “[...] ‘Você acha que sou um completo idiota?’ Russell responde: ‘Por que quer saber disso?’ Ele respondeu: ‘Porque se eu for um, serei piloto, se não, serei filósofo.’[...]” (RUSSELL, 1958, p. 20).

² Ficará explícito nos aforismos 6.373 e 6.374 do *Tractatus*. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 255).

³ O filósofo teve mudanças significativas em seu modo de interpretar a função da filosofia, fazendo-a mais ativa e, de certo modo, útil, na busca por uma vida eticamente com sentido. Num segundo momento, o autor, tornou-se mais aberto às várias linguagens possíveis, presentes no mundo - constituídas por jogos de linguagem dissemelhantes. Marca essa fase, a obra *Investigações Filosóficas*, não abordada neste artigo.



contrassenso por parte de Wittgenstein ao trazer à tona um tema transcendental - místico? Quais foram suas inspirações? Quais as tendências constituintes de tal obra?

No início do *Tractatus*, percebe-se a preocupação lógica-matemática e crítica da linguagem (o indivíduo como esse ser limitado e condicionados pela própria linguagem), porém o texto aliado à sua história, insere nas proposições o teor ético, de modo que “o centro ‘lógico’ [...] se subordina a um esquema maior que é ao mesmo tempo poético e, pelo menos, subliminarmente, elegíaco.” (PERLOFF, 2008, p. 65). Segundo McGuinness (1991, in BRÍGIDO, 2016, p. 45) o amadurecimento e a guerra trouxeram novas dimensões à sensibilidade de Wittgenstein, de modo que, tais fatores não podem ser ignorados, enquanto conteúdos de análise de seus escritos. Isto é claro quando escreve a Russell: “Talvez você julgue essas reflexões sobre mim mesmo um desperdício de tempo - mas como posso ser um lógico antes de ser um ser humano! De longe a coisa mais importante é acertar contas comigo mesmo!” (in MONK, 1995, p. 99).

Perloff (2008, p. 40) denuncia que muitos comentadores acabam por ignorar essa afirmação ao discursarem sobre o *Tractatus*, desprezando elementos, tão essenciais quanto aqueles recebidos de Frege e Russell: “O *status* do livro *Tractatus* tanto como um livro de guerra quanto como um livro de vanguarda recebeu pouca atenção dos filósofos, cuja preocupação central era principalmente entender a ‘teoria pictórica’ da linguagem [...]” (PERLOFF, 2008, p. 40):

[...] Depois de ter a filosofia servida para a análise da linguagem, ou melhor, para a descrição do mundo, a mudança de vida é uma opção necessária por ela indicada. Enquanto a lógica oferece o material para a análise do mundo, a mística marca a solução para o problema da vida. [...] O mais importante do *Tractatus* é aquilo que não está dito (VALLE, 2003, p. 60).

Mais tarde, em sua segunda fase, com as *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein tenta sublimar esses fatos. Porém na sua obra primeira, nas falas de suas conferências e nas anotações dos seus alunos, esses elementos emergem com força. “É possível afirmar que uma parte dos argumentos que constituem a intenção ética, núcleo irreduzível de sua filosofia, o autor a encontrou por meio de uma especial aproximação com as manifestações culturais próprias de seu tempo.” (VALLE, 2003, p. 35).

É impossível dissociar a obra da vida do autor, pois há uma “estranha osmose entre homem e filósofo” (CHAUVIRÉ, 1991, p. 16) nessa relação e, por isso, o texto do *Tractatus* avança sobre uma realidade acima da lógica matemática, almejando não somente encontrar



respostas ao mundo em calamidade, mas também às “exigências existenciais dirigidas a si mesmo [à Wittgenstein].” (BUCHHOLZ, 2009, p. 23). Isso justifica o esforço pela clareza de suas intenções, a autocrítica de suas vaidades e a grande inquietação em pertencer a uma família de posição social abastada. Outra característica, a ser evidenciada, era o fator da ideação suicida que o acompanhava e que compunha sua busca por sentido:

Russell relata que Wittgenstein o procurava, muitas vezes, por volta da meia-noite e então andava de um lado para o outro, como um tigre na jaula. Visto que Wittgenstein ameaçava matar-se, seria impossível, para Russell, mandá-lo embora. Depois que Wittgenstein andara uma, duas horas assim de lá para cá, sem dizer uma palavra, Russell perguntou-lhe sobre o que pensava – sobre Lógica ou sobre seus pecados. Wittgenstein respondeu: “Ambos” e silenciou novamente. O acontecimento indica que Wittgenstein estava tomado por um profundo mal-estar, possivelmente fosse até mesmo propenso à depressão (BUCHHOLZ, 2009, p. 24).

Esse desequilíbrio interior⁴ é fruto de fatores pessoais, familiares e sociais experimentados, seja na guerra, na morte de três irmãos por suicídio⁵ - dos oito que tinha, na notícia do acidente fatal de seu amigo David Pinsent⁶ ou, ainda, na tendência à homossexualidade que o atormentava⁷. Todas essas influências interiores, exigiam de seus pensamentos um antídoto que diminuísse tanto sofrimento, e o fez abrindo a discussão lógica a uma realidade transcendental nos últimos aforismos do *Tractatus*.

1. O teor ético no Wittgenstein do *Tractatus*

O agir ético para Wittgenstein – em sua primeira fase - se revela naquilo que o filósofo chama de místico. Os caminhos que o autor traça nas partes iniciais do *Tractatus*, desaguam na perspectiva ética do mundo, presente nos dois últimos aforismos, “lugar onde se dirige toda a formulação lógica” (VALLE, 2003, p. 34), por se tratar das coisas mais essenciais e que devem ser vividas mesmo não sendo ditas, já que “a ética consiste na prática da felicidade.” (VALLE,

⁴ Na fala de Reguera (1991, p. 171 in MARGUTTI, 1997, p. 2007): “[...] tormentos espirituais, depressões, efervescências anímicas, tensão íntima extrema; este é o panorama interior de Wittgenstein na Noruega, imediatamente antes da guerra.”

⁵ “[...] Hans se suicidou quando Ludwig tinha 13 anos, e Rudi fez os mesmos dois anos depois. Outro irmão de Ludwig, Kurt, suicidou-se no campo de batalha, na Primeira Guerra Mundial. O suicídio sempre foi uma obsessão para Wittgenstein, que sentiu fortes tendências autodestrutivas ao longo de sua vida.” (CABRERA, 2006, p. 342).

⁶ “O *Tractatus* foi claramente concluído para no verão de 1918 [...] a notícia da morte de David Pinsent [que foi seu amigo, como assim escreveu na dedicatória a Pinsent] [...] torna-se significativa [...]” (PERLOFF, 2008, p. 65).

⁷ “Esse gênio puro e intenso, [...] era também um homossexual entregue à excessos e casos incontrolados de promiscuidade. [...] A austeridade e o ascetismo que Wittgenstein assumia poderia ser precisamente reações de defesa exacerbada contra tentações sexuais extremamente fortes.” (BOUVERESSE, 2006, p. 63).



2003, p. 34). Essa prática supera o sujeito empírico-objetivo que se utiliza de métodos científicos para relacionar-se com o mundo.

Wittgenstein sugere um *sujeito transcendental* que dialoga com aquilo que a ciência não consegue abarcar, de modo que, a tendência ao misticismo, frequentemente, origina-se da sensação de insuficiência remanescente nas respostas das ciências. (HALLER, 1991, p. 52) e está alicerçada no sujeito empírico. Segundo Margutti (2004, p. 85), o:

[...] sujeito transcendental se encontra num domínio fora do espaço e do tempo, e a carne corresponde ao sujeito individual ou empírico, que constitui um fenômeno pertencente ao domínio espaço-temporal. O sujeito transcendental e o mundo fenomênico são ambas manifestações transcendentalmente complementares do mesmo princípio último de toda a realidade, a saber, a vontade. Esta perspectiva era complementada por uma rígida moral de tipo weingeriano, que envolve o dever interior de ser autêntico consigo mesmo para encontrar o sentido da vida.

Nessa perspectiva, o teor ético impulsiona o sujeito a uma transformação e elevação pessoal assumindo “a existência da experiência mística, que consiste na contemplação beatífica de uma realidade mais elevada” (MARGUTTI, 2004, p. 85). A vida feliz será, portanto, o resultado dessa escalada ética, cumprida no “sublime absurdo do místico” (VALLE, 2003, p. 34), logo que o sentido da vida não pode ser objeto de um debate racional, mas constitui, em sua essência, uma questão mística (BOUVERESSE, 2006, p. 55).

O sujeito busca, constantemente, comunicar esse místico ao mundo, mas como já destacado, é impossível perante os limites do dizer. Para resolver esse fato, o filósofo apresenta a possibilidade do *mostrar*, isto é, a capacidade de “exibir” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 169), o indizível, por meio da própria vida, “ultrapassando os limites da linguagem” (VALLE, 2003, p. 35). Exemplo disso é o que fazem as várias manifestações da arte e da religião. Essa informação é essencial para evitar conclusões falaciosas sobre uma eventual negação da Metafísica por parte do autor.

Wittgenstein afirma a relação do “sujeito transcendental” com o *quid* do mundo, isto é, com a essência da realidade (e por isso o termo transcendental). A partir dessa interação, penetra-se nos fatos, ou ainda transcende-os, a fim de se tocar o essencial. Desse modo “o sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 259), é preciso, nessas circunstâncias, observá-lo de fora, superando a noção comum de espaço-tempo, em nível “espiritual” conforme o próprio viés tolstoísta, cuja perspectiva é retomada pelo filósofo.



Wittgenstein traça sua filosofia através de uma série de influências, desde aquelas de cunho lógico-matemático, crítico da linguagem, até nomes que contribuíram para a construção do teor ético-estético-metafísico de sua filosofia.⁸ Segundo Brígido e Valle (2018, p. 172) “as influências intelectuais que lhe atingem indicam com precisão o caminho que ele pretende percorrer.” Sobre essas últimas influências evidenciar-se-á alguns destaques, que debuxaram este elemento existencial e místico do filósofo, especialmente no que se refere ao estilo de exigência moral adotado pelo filósofo, até escritos que o encaminharam para o encontro com o sentido de sua vida.

2. Otto Weininger: itinerário para o sentido da vida?

Por mais que o a atitude de Weininger, de ter se suicidado⁹ em 1903, aos 23 anos de idade, seja questionável, quando o assunto é dar sentido à vida¹⁰, emerge, com clareza, o modo como este pensador concebia o itinerário em busca de uma vida ética¹¹ (caro à Wittgenstein): para Weininger, há uma diferença nas condições éticas da mulher em relação ao homem, de modo que a figura feminina¹² é constituída de um grau de imoralidade maior que a do sexo oposto e, em seu caso, por ser homossexual (condição do qual o indivíduo, na visão desse pensador, é acometido de tendências que são próprias do sexo feminino) só poderia, por meio do suicídio, demonstrar “alto grau de exigência de uma vida legitimamente pautada pela ética” (BRÍGIDO; VALLE, 2018, p. 163)¹³. “Para tornar-se um gênio e atingir o eu inteligível, o judeu Wittgenstein deveria derrotar um temperamento cuja sensualidade o mergulhava fundo na homossexualidade.” (MARGUTTI, 1997, 209).

⁸ Este artigo levará em consideração os apontamentos de Von Wright, que consideram significativo o influxo exercido por outros filósofos na leitura dos escritos de Wittgenstein, afastando-se de alguns comentadores mais dogmáticos que consideram como importantes somente as leituras lógicas-matemáticas presentes no Tractatus.

⁹ “Tudo indica que, incapaz de obedecer ao dever moral interior, ele resolveu matar-se. Seu suicídio foi considerado a consequência lógica do problema moral colocado por Sexo e caráter: se só for possível a alguém viver como 'mulher' ou como 'judeu', então este alguém não deve viver. Weininger teria agido de maneira perfeitamente ética, aceitando corajosamente a conclusão lógica de que não merecia viver. Sua atitude inspirou uma série de suicídios do mesmo tipo na Viena da época.” (MARGUTTI, 1998, p. 68).

¹⁰ Na concepção wittgensteiniana, a partir da atitude ética.

¹¹ Expressando comentários a partir de sua obra mais importante: *Sexo e Caráter*, que almejava situar as relações do sexo, explicando a diferença entre homens e mulheres através de um princípio único, proveniente de uma psicologia filosófica.

¹² Para Weininger (in MARGUTTI, 1997, p. 202) “a mulher está inteiramente mergulhada no sexo. O homem é parcialmente sexual, ao passo que a mulher é apenas sexual. Neste sentido, enquanto o homem possui órgãos sexuais, a mulher é possuída pelos órgãos sexuais.”

¹³ Há uma clara interpretação da teoria moral de Kant, quando este discorre sobre o dever em sua obra *Crítica da Razão Prática* (1788).



E, por isso, é possível identificar em Wittgenstein, que foi seu leitor e se identificara com análogos elementos existenciais, características dessa radicalidade moral, quando, com certa austeridade, busca viver sob o prisma ético. Não chega a consumir o ato suicida, mas se aproxima dessa possibilidade e alimenta uma veemente exigência moral a respeito de suas mazelas.

Wittgenstein se colocou em perigo muitas vezes durante a experiência de guerra. Era um “gênio atormentado.” Vivia, constantemente, num processo de depuração das licenciosidades, almejando, de alguma forma, desvencilhar-se de qualquer situação que o aproximasse do calor da concupiscência. Esse fato também serviu de sustento para a não retirada de sua vida, já que matar, incluindo a si mesmo, é um ato pecaminoso. Entretanto, o apego excessivo aos prazeres da vida também fere, em alguma intensidade, a moralidade; logo, seu drama, somado aos conflitos interiores, ganhava maior proporção. Margutti (1997, p. 210) defende a ideia de que, para organizar essa problemática, Wittgenstein apropria-se de “três pontos de referência: espírito, Deus e o trabalho intelectual.”

De alguma forma, os três estão interligados. No que se refere ao trabalho intelectual, a escrita serve de um canal terapêutico para Wittgenstein que, imerso naquele cenário interno e externo de desolação, acaba tecendo uma nova filosofia, que se revela como reflexões sobre as coisas inefáveis e que acabam assumindo um lugar de privilégio na vida do autor. O conteúdo matemático começa a ceder espaço às anotações existenciais¹⁴: “no início, [...] se dirige para a natureza da proposição, a lógica [...]. Aos poucos, graças à sofrida experiência da frente de batalha, ele se desloca para o problema da essência do mundo e o místico [...]” (MARGUTTI, 1997, p. 211):

A noção de espírito parece constituir, nos Diários Secretos, a introjeção de todos os ideais morais do jovem Wittgenstein, correspondendo à imagem ideal que ele faz de si mesmo. O espírito funciona como aquele lugar em que ele se sente seguro com relação à carne. Esta só faz espicaçá-lo e dispersá-lo entre as coisas (MARGUTTI, 1997, p. 208).

Espírito e Deus estão associados de modo a configurar uma relação mística de complementariedade, considerada segura e que afastava o sujeito ético da carne. “Através do espírito, ele consegue a liberdade e a indiferença frente ao mundo exterior, atinge a vida atemporal do instante pela consideração das coisas do ponto de vista do eterno.” (MARGUTTI,

¹⁴ “A filosofia tractatiana se torna ininteligível quando relacionada apenas aos trabalhos lógicos de Frege e Russell.” (MARGUTTI, 1997, p. 1).



1997, p. 210). Há, portanto, um forte conteúdo de fé no *Diário de Guerra* do Filósofo, cujo conteúdo o salvou¹⁵, servindo de um amparo que o tirasse da realidade que o oprimia, isto é, da perturbação interior que enfrentava. Aqui, surge um novo nome, responsável pela disseminação desse tipo de conteúdo: Lev Tolstói (1828-1910), escritor russo, que vivenciara situações semelhantes à do filósofo austríaco, e conseguira enfrentá-las por meio da radicalidade cristã.

3. Tolstói: modelo de misticismo e radicalidade

Tolstói destaca-se como modelo de radicalidade e mística em sua fase madura, tornando-se uns dos principais influenciadores do tema místico da teoria wittgensteiniana, colaborando, a partir de seus últimos escritos, com decisões ascéticas tomadas pelo filósofo austríaco. Matoso (2012, p. 8) explica esse contato:

[...] a influência da obra de Tolstói no percurso de Wittgenstein pode ser corroborada pela evidência biográfica. No seu aturado estudo, *Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius* (1991), Ray Monk chama a atenção para o impacto que os escritos religiosos e éticos de Tolstói tiveram em Wittgenstein. No período em que combatia na Frente Russa, na I Guerra Mundial, em que atravessava uma profunda crise existencial e se preparava para imprimir um novo curso ao livro que iria revolucionar o modo como a Filosofia era feita nas academias, Wittgenstein descobria, numa pequena livraria de Tarnov, na Polónia, o “único livro” disponível – a versão ‘purificada’ dos Evangelhos de Tolstói.

O contato com mestres espirituais, como o destacado, foi importante para a conclusão de sua obra (*Tractatus*), e o gesto de despojamento a porvir de Wittgenstein. Tolstói é um exemplo de influenciador, chamando atenção à forte semelhança de vida e pensamento que teve com o filósofo¹⁶, desde a moléstia da vida e insatisfação com o seu tempo, até as atitudes de austeridade com seu corpo, que o levava ao ascético enriquecimento espiritual.

Segundo Teider (2020, p. 7), Tolstói:

¹⁵ “O sustento espiritual que Wittgenstein obtinha do Evangelho de Tolstói ‘mantinha-o vivo’, no sentido de, em suas próprias palavras, desanuviar sua aparência exterior ‘de modo a deixar imperturbado o meu ser interior’.” (MONK, 1995, p. 115).

¹⁶ Matoso (2012, p. 9) nos fornece uma síntese das similaridades entre Wittgenstein e Tolstói: “Outras evidências poderiam ser citadas e outros episódios ‘psicobiográficos’ poderiam ser recriados para aproximar os itinerários, tão diversos que se julgaria insusceptíveis de serem comparados, de Tolstói e de Wittgenstein: a controvérsia em redor das suas conversões, invariavelmente grafadas com aspas (mesmo no caso da conversão menos ‘privada’ de Tolstói); [...] a adoção de um estilo de vida ascético; a aversão à profissionalização das atividades onde se notabilizaram; [...] o recurso à Bíblia como livro de instrução por excelência. Ou ainda, e mais relevante, porque todos estes aspectos nela convergem, a cisão das suas carreiras em dois períodos distintos: tal como há um “primeiro” e um “segundo” Tolstói também há um “primeiro e um “segundo” Wittgenstein [...]”



[...] em uma fase de sua vida, começa a apresentar sinais de um intenso descontentamento que resultara numa grande luta em favor de sua própria sobrevivência. [...] Nem filósofos, nem sábios conseguiam saciar o sentimento de desolação interior que o apossava, a ponto de, em meio as inquietantes dúvidas, pensar em ceifar sua própria vida. [...] Tolstói buscava uma firme verdade, que considerasse sua questão existencial sem desprezar o fator racional, não uma explicação fria de ‘consolação epicurista da vida’ (Zweig, 1965) mas uma espécie de fé pura e convicta, desvencilhada da legalidade exacerbada e da ausência de prática. [...] Após muito procurar, encontra nos mais pobres aquilo que parecia concatenar com seus anseios, pois notou que, mesmo diante das agruras das condições dessa classe, contentavam-se com suas vidas.

Esse fator de contato com os mujiques¹⁷, aliado ao conteúdo do livro de Tolstói, concatenam-se com a decisão de Wittgenstein em, após a volta da guerra, experienciar na prática, aquilo que concluíra no sétimo aforismo de sua obra. Despojar-se do mundo, para viver o ato ético e as coisas inefáveis, esforçando-se de toda maneira, para silenciar-se. Sua intenção se baseava em encontrar o verdadeiro sentido da vida, a qual acreditava residir não nas teorias filosóficas ou teológicas, mas no cultivo de uma existência mais modesta semelhantes àquela desfrutada pelos pobres camponeses [...].” (BRÍGIDO; VALLE, 2018, p. 196)¹⁸

Vale ressaltar, que esse período de fortes influências “místicas” e emocionais marcam uma das fases mais importantes da vida desse filósofo, pois o afetam de maneira extremamente profunda. (BOUVERESSE, 2006, p. 61). Assim, entre 1920 e 1926, “retira-se da atividade filosófica para viver filosoficamente” (VALLE, 2003, p. 43), assumindo a posição de professor do ensino básico no interior da Áustria, convivendo com os camponeses para, como fez Tolstói, vivenciar de fato o sentido da vida, dando a ela a primazia, diante das especulações; perfaz-se, aqui, o grande silêncio wittgensteiniano. “A partir de seu final é que deveria começar o autêntico *Tractatus*.” (VALLE, 2003, p. 68), “resolvidos todos os problemas da filosofia, restava viver.” (VALLE, 2003, p. 80). Também, em conjunto a essas decisões, renuncia a sua fortuna, repartindo-a com seus irmãos, destinando ao financiamento de artistas que admirava¹⁹. “Wittgenstein tomou todas as atitudes necessárias, para assegurar que nada mais lhe pertencia,

¹⁷ “É nessa fase que o autor passa por uma conversão de valores, é quando, em tom epifânico, declara que o sentido da vida estava nela mesma e que o sentido atribuído a ela era uma verdade expressa pela fé e pela transformação social. O autor é imerso dentro de uma ‘ética mística’ (Zweig, 1965) e pautará todos os seus escritos vindouros e esforços por defendê-la numa radicalidade efervescente na qual a gramática literária é substituída pela ‘gramática da fé’ (MATOSO, 2012, p. 24).” (TEIDER, 2020, p. 8).

¹⁸ Ou no trabalho como jardineiro que chegou a desempenhar após abandonar a docência.

¹⁹ “No verão de 1914, Wittgenstein dirigiu-se à Áustria, onde ficou com a família. Nesse período, entrou em contato com Ludwig von Ficker, editor de um jornal em Innsbruck. O objetivo principal foi passar a von Ficker uma vultosa quantia (cerca de US\$ 65 .000) para ser distribuída entre artistas austríacos necessitados. O dinheiro era proveniente da herança que Wittgenstein recebera por ocasião da morte do pai, ocorrida em janeiro do ano anterior.” (MARGUTTI, 1998, p. 44).



extirpando qualquer possibilidade de recuperar esse legado algum dia.” (BOUVERESSE, 2006, p. 61).

É fundamental compreender que o “silêncio” wittgensteiniano destacado no fim do *Tractatus*, é um agir motivado por uma vida no espírito, que experiencia e mostra o inefável (metafísico) desvencilhando-se do corpóreo e do passageiro. Inclusive, a arte parece ser um meio eficaz para isso, por ser “um meio de intercâmbio humano, necessário para a vida e para o movimento em direção ao bem de cada homem e da humanidade, unindo-os em um mesmo sentimento.” (TOLTÓI, 2016, p. 61).

A similiaridade com o conceito de vida do espírito de Tolstói e a inefabilidade em Wittgenstein não é mera coincidência, pois este carrega traços fortes das leituras que fazia. A vida plena é resultado da manifestação do espírito²⁰ e negação da carne, a partir de uma constante conservação do interior, nem que para isso se tenha que passar pela agrura do sofrimento²¹. “O homem não deve obedecer aos desejos da carne, mas sim aos mandamentos do espírito.” (TOLSTÓI, 1984, p. 43). Tolstói não deseja inaugurar uma nova religião ou se ligar a uma doutrina pronta²², mas possibilitar aos homens que, por si próprios, cheguem a “uma moral pura [...]” (ZWEIG, 1965, p. 17), a partir de uma luta consigo mesmo e uma vivência prática do que acreditam:

Aos cinquenta anos procurei investigar, com minhas ideias e sentimentos, o que era como ser e que fim cumpria no mundo. Para esclarecer estas dúvidas, apelei para a ciência de sábios amigos, e não obtive outras respostas senão que ‘eu era uma reunião caprichosa e acidental de átomos e que a minha vida não tinha sentido determinado, nem consequência.’ A conclusão desesperou-se ao ponto de acariciar-me, como remota esperança, o suicídio. Lembrando-me, porém, dos dias felizes de minha infância, quando meu coração era ingênuo e confiava no *meu espírito*, convenci-me de que, então, a minha vida não me parecia sem sentido (TOLTÓI, 1984, p. 14, grifo nosso).

Essa vida no espírito é motivada por aquilo que Wittgenstein chama de *sujeito transcendental*. Aqui, encaminhamos-nos para um novo nome que compõe a lista de inspiradores do filósofo: Schopenhauer.²³ Uma vez que a expressão *sujeito transcendental*²⁴ é

²⁰ “A vida do homem está no espírito” (TOLSTÓI, 1984, p. 56).

²¹ “Por mais dor que a negação da carne possa ocasionar, esse sofrimento se torna substrato fundamental para que se possa atingir a plenitude da vida humana.” (BRÍGIDO; VALLE, 2018, p. 197).

²² “Buscava uma explicação para a vida do ser humano e não para um problema teológico ou histórico [...]” (TOLSTÓI, 1984, p. 16).

²³ O próprio Tolstói foi influenciado por Schopenhauer.

²⁴ Que tem forte influência kantiana, mesmo havendo críticas por parte de Schopenhauer: “[...] minha linha de pensamento, por mais diferente que seja no seu conteúdo da teoria kantiana, fica inteiramente sob influência dela



apontada, por alguns comentadores, como influência direta dos escritos desse filósofo, especialmente porque é possível encontrar o uso da mesma expressão em sua obra *O mundo como vontade e representação* (1819).

Há o sujeito empírico, que é exposto numa posição de contraste com o sujeito transcendental, presente no mundo dos fatos, cercado pelos objetos, equiparado a eles e que pode descrevê-los – dizer a respeito dos fatos, ainda que de maneira limitada. Por mais que ambos os sujeitos sejam distintos, acabam, segundo Schopenhauer, relacionando-se de maneira milagrosa, estando no mundo e em seus limites ao mesmo tempo, sem se prender aos acontecimentos do mundo (BRÍGIDO; VALLE, 2018, p. 175). “A elucidação da natureza do sujeito é fundamental para se compreender aquilo que é firmado no *Tractatus* sobre a Ética, pois o bom e o mau dependem do sujeito.” (DALL’AGNOL, 2005, p. 40).

4. Schopenhauer: caminhos para um sujeito metafísico

Este “eu-filosófico não é o homem, não é o corpo humano, ou a alma humana, de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite – não uma parte – do mundo.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 231), mas um eu-transcendental que está no mundo, mas não faz parte dele²⁵, já que está em seu limite a contemplar a essência do mundo; que foge da realidade empírica, constituindo, portanto, um realismo empírico e ao mesmo tempo um idealismo transcendental. “O sujeito metafísico observa o mundo em sua totalidade, tudo vê, mas não é visto, uma vez que não está condicionado às intempéries da experiência sensível (BRÍGIDO, 2019, p. 15). O artista e o filósofo representam bem essa figura, especialmente quando comparado ao cientista – objeto de crítica de Wittgenstein, visto que o primeiro, consegue por meio de suas obras atingir a “dimensão absoluta da existência” (MARRADES, 2013, p. 11), em embate com o cientista que “não dá conta de conhecer as coisas como elas são [...], perdendo-se no mundo das aparências.” (BRÍGIDO; VALLE, 2018, p. 187):

As ciências procuram tornar tudo concebível enquanto consequência de um fundamento, tentam fornecer para tudo um porquê, uma resposta, mas seu tema continua sendo o fenômeno, suas leis, conexões e relações daí resultantes. Conceba-se agora a oposição entre arte e ciência. O que subsiste exterior e independentemente de

[...] do lado da impressão do mundo intuitivo, dos escritos sagrados dos hindus e à impressão de Platão.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 525).

²⁵ Conforme aforismo 5.632: “não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 229) ou ainda em linguagem schopenhaueriana “o mundo é minha representação” (referência à obra *O Mundo como Vontade e Representação de Schopenhauer* - 1819).



toda relação, o essencial propriamente dito do mundo, o núcleo verdadeiro dos fenômenos, não submetido a mudança alguma [...]: esse é o conteúdo, o objeto da arte (SCHOPENHAUER, 2001, p. 58).

Essa atitude se dá de maneira individual²⁶, já que “não se pode levar os homens ao bem; apenas se lhes pode indicar o caminho [...] o bem reside fora dos âmbitos dos fatos” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 15), numa transformação interior constante. “Ninguém pode pensar por mim um pensamento, da mesma maneira que ninguém pode por mim pôr o meu chapéu.” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 14). É importante evidenciar que Wittgenstein não quer um solipsismo cartesiano radical, mas se assemelha ao solipsismo schopenhaueriano, que é vivenciado e experienciado pelo sujeito transcendental, “o qual consegue contemplar o mundo em sua totalidade, observando de modo adequado aqueles valores que dão pleno sentido à existência” (BRÍGIDO, 2019, p. 16), a partir de um processo de negação das vontades, fundamentalmente pela experiência artística.

O entendimento do sujeito transcendental possibilita o resgate estético em uma cultura defasada, pois não está submetido à causalidade, mas ao mundo em sua totalidade, e pode, por meio do artístico, do agir e da religião, transmitir e orientar os homens à experiência mística e o afastamento do mundo corrompido. Libertando-se das amarras da saciedade instantânea e tediosa, a fim de almejar o “eterno instante” (BRÍGIDO, 2019, p. 23). “Schopenhauer definira a experiência estética como a contemplação da forma inteligível da contingência. Wittgenstein adota a definição e estende-a: a experiência ética do valor [...]” (SANTOS apud WITTGENSTEIN, 2017, p. 105).

Aquele que tudo conhece mas não é conhecido por ninguém é o sujeito. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece, de todo objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito. cada um encontra-se a si mesmo como esse sujeito, todavia, somente na medida em que conhece, não na medida em que é objeto do conhecimento. objeto, contudo, já é o seu corpo, que, desse ponto de vista, também denominamos representação. [...] portanto, o mundo como representação, único aspecto no qual agora o consideramos possui duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. uma é o objeto, cuja forma é espaço e tempo, e, mediante estes, pluralidade. a outra, entretanto, o sujeito, não se encontra no espaço nem no tempo, pois está inteiro e indiviso em cada ser que representa (SCHOPENHAUER, 2005, p. 46).

Segundo Santos (WITTGENSTEIN, 2017, p. 105), Wittgenstein contribui para a regeneração dos elementos metafísicos e se inclui, por consequência, dentro da “antiga linhagem de Plotino, Spinoza e Schopenhauer” que almejavam esse resgate, pela valorização

²⁶ Solipsismo wittgensteiniano.



daquilo que de fato importava aos homens e pudesse traduzir com profundidade o inefável, atravessando “[...] o cascalho inerte, de modo a atingir a semente viva e quente.” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 14).

Em toda a sua filosofia, Wittgenstein, almejou o encontro com o sentido da vida²⁷ e sob todas essas influências teóricas e práticas, conseguiu traçar uma espécie de itinerário que recuperasse aquilo que era mais importante e que estava numa seara aquém dos instrumentos científicistas modernos que não podiam apropriar a felicidade²⁸. “Ainda que o sujeito metafísico não possa comunicar adequadamente essa graça contemplada recorrendo às palavras, tem a possibilidade de mostrar (*zeigen*) de forma contundente essa experiência mística que dá sentido à vida.” (BRÍGIDO, 2019, p. 15). A razão exacerbada não conseguiu abranger a totalidade humana e isso resultou em tempos de decadência e angústia.

A estética é pois, um caminho, pelo qual o sujeito transcendental consegue exprimir a inefabilidade e, por ser irredutível ao científico, “expressa um valor que concerne à vida humana” (MARRADES, 2013, p. 12); mas se constitui de um ato ético – prático; a arte materializada²⁹ em objetos são expressões humanas e resultados desse agir, assim como o assombro frente ao mundo e a busca da felicidade que culminará no encontro do sujeito com o sentido de sua vida. O caso do assombro diante da existência do mundo diz respeito a um fato absoluto³⁰; “a experiência do assombro diante do mundo é inefável porque coloca o problema da existência do mundo [...]” (BARROS, 2017, p. 74). E por isso, [...] sentimos que mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 261).

²⁷ “Ao invés de dizer que ‘a Ética é a investigação sobre o que é bom’, poderia ter dito que a Ética é a investigação sobre o valioso, ou sobre o que realmente importa, ou ainda, poderia ter dito que a Ética é a investigação sobre o significado da vida, ou daquilo que faz com que a vida mereça ser vivida, ou sobre a maneira correta de viver. Creio que se observarem todas estas frases, então terão uma ideia aproximada do que se ocupa a Ética.” (WITTGENSTEIN, 1930 in Dall’agnol, 2005, p. 215).

²⁸ “A felicidade é independente dos fatos do mundo e o homem feliz não se confunde com os acontecimentos furtivos do mundo. [...]” (BRÍGIDO e VALLE, 2018). Essa felicidade está relacionada a sua intenção, resultante da boa intenção.

²⁹ A arte é um exemplo de expressão estética. A estética não se reduz ao material, mas é mais abrangente, pois contempla a própria vida.

³⁰ “Mas carece de sentido dizer que me espanto diante da existência do mundo porque não posso imaginá-lo como não existindo. Eu poderia certamente me espantar com o fato de o mundo em minha volta ser como é. Se, por exemplo, enquanto olho o céu azul eu tivesse esta experiência, poderia me espantar com o fato de o céu ser azul por oposição àquilo que se passa quando está nublado. Mas não é isto que quero dizer. Espanto-me com céu seja lá o que ele for.” (WITTGENSTEIN, 1965, in BARROS, 2017).

Considerações finais

Ludwig Wittgenstein, direto influenciador da filosofia da linguagem do início do século XX, com um anseio vanguardista e pretencioso de resolver todos os problemas do mundo, conseguiu ser um lógico-místico, ao estabelecer a possibilidade do *mostrar* (*zeigen*) aquilo que ultrapassava a realidade factual, a partir de um ato ético e estético, delimitando, desse modo, realidades de que não se pode *falar* (*sagen*). É um filósofo que coloca as coisas no seu devido lugar para evitar confusões. Foi *genial* ao apontar aquilo que mais importava e era essencial ao homem: o inefável; aquilo que dava sentido à vida. “Wittgenstein sonhava em conciliar o idealismo transcendental schopenhaueriano, típico da cultura germânica, com a filosofia da linguagem, de origem britânica” (GIRON, 2002) e envolvido numa luta exterior e interior, acaba abandonando tudo para viver o silêncio do sétimo aforismo tractariano. O estético e o ético compõe o espaço da inefabilidade e concatenam-se em uma coisa só, o inefável da vida, acessados a partir da saída do mundo dos fatos. É possível encontrar formas de mostrar aquilo que o dizer não consegue e por isso, Wittgenstein mostrará com a sua própria vida, escolhas e gestos exemplares disso.

É difícil compreender o pensamento de Wittgenstein separado das ideias do indivíduo que as produziu e do ambiente conturbado em que este se formou. Um cimenta o outro; um subverte o outro. O fogo de suas ideias parece não encontrar limites interpretativos por parte da posteridade (GIRON, 2002).

Sua vida foi marcada por uma série de encontros e desencontros consigo mesmo e com importantes nomes da lógica, da linguagem e do teor místico moral da época: Russell, Frege, Mauthner, Weininger, Tolstói e Schopenhauer. Isso enriquece sua filosofia e o encaminha para uma autenticidade sobremaneira, o que intensifica ainda mais sua insatisfação com aquele período em *decadência*. A ciência e o famigerado progresso rechaçavam o *milagre*³¹ da vida e não conseguiam traduzir a grandeza daquilo que era o mais importante ao homem, que tornava “a vida digna de ser vivida” (BUCHHOLZ, 2009, p. 95) – é um tempo marcado pelos altos casos de suicídio, pensadores, amigos e familiares que influenciavam o filósofo. Wittgenstein, embreado pelos horrores da guerra³², tentado a aderir também o suicídio, que parecia a única saída para todo o tormento que havia dentro e fora de si, é salvo por um livro. E é por isso que a filosofia wittgensteiniana, dará espaço para a arte, arquitetura, a música - no ato de mostrar,

³¹ “A arte mostra-nos os milagres da natureza.” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 87).

³² Vive um “renascimento moral na frente de batalha.” (MARGUTTI, 1998, p. 50).



pois verificar-se-á, que o inefável não cabe em linhas matemáticas ou filosóficas, mas emerge na experiência do homem com as realidades que o transformam a partir do seu interior.

É por isso que o *tractatus* se revela, não somente como uma obra ética, mas também como um “ato ético” (BOUVERESSE, 2006, p. 56) que quer contribuir como resposta ao mundo. ao longo dos aforismos nota-se o apagamento da lógica-científica, e o prelúdio da inefabilidade³³, uma nova característica é assinalada, incutindo na obra discussões sobre uma “esfera superior, ‘transcendental’ na qual são arrojadas todas as questões realmente importantes para o homem.” (BOUVERESSE, 2006, p. 56). segundo o filósofo, “o inexprimível (o que considero misterioso e não sou capaz de exprimir) talvez seja o pano de fundo a a partir do qual recebe sentido seja o que for que eu possa exprimir.” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 33).

Referências

BARROS, W. *Kierkegaard e o Tractatus*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos, 100 p., 2017.

BOUVERESSE, J. *Wittgenstein: la modernidad, el progreso, y la decadencia*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

BRÍGIDO, E. Entre a decadência e o progresso: o estético em Wittgenstein. *Aurora*, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 31-50, mai, 2016.

_____. Sujeito metafísico e sujeito empírico: a presença de Schopenhauer na filosofia de Wittgenstein. *Cognitio: Revista de Filosofia*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 13-30, jun., 2019.

BRÍGIDO, E.; VALLE, B. Entre a decadência e o progresso: o (motivo) estético em Wittgenstein. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*. Santa Maria, v. 10, n. 1, 2015.

_____. *Wittgenstein: a ética e a constituição do gênio*. Curitiba: CRV, 2018.

BUCHHOLZ, K. *Compreender Wittgenstein*. Tradução de Vilmar Schneider. 2. Petrópolis: Vozes, 2009.

CABRERA, J. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CHAUVIRÉ, C. *Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

DALL’AGNOL, D. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

³³ Conforme comparação dos aforismos 6 e 7 do *Tractatus* com os demais.



GIRON, L. A. Uma mente em chamas. Revista Cult, São Paulo, 2002. Disponível em < <https://revistacult.uol.com.br/home/wittgenstein-uma-mente-em-chamas/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

HALLER, J. A Ética no pensamento de Wittgenstein. Estudos avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, abr, 1991.

KANT. *Crítica da razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Serviço de educação e bolsas fundação Calou Ste Gulbenkian, 2001.

MARRADES, J. *Wittgenstein arte y filosofia*. Madrid: Plaza y Valdes editores, 2013.

MARGUTTI, P. B. Aspectos da influência de Weininger sobre Wittgenstein. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 24, n. 77, 1997.

_____. *Iniciação ao Silêncio: Uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. O Tractatus de Wittgenstein como obra de iniciação. Filosofia UNISINOS, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 8, p. 81-104, 2004.

MATOSO, A. *Tolstoi com Wittgenstein: Moral e Arte*. Lisboa. Tese de Doutorado em Letras. Universidade de Lisboa, 254p., 2012.

MONK, R. *Wittgenstein: o dever do gênio*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PERLOFF, M. *A escada de Wittgenstein: A linguagem ética e o estranhamento do cotidiano*. Tradução de Elizabeth Rocha Leite e Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do Belo*. Apresentação e notas Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2001

_____. O mundo como vontade e como representação. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

TEIDER, F. *A busca pela essencialidade humana através do viés tolstoísta*. Artigo de conclusão de Curso (Graduação em Letras). Centro Universitário Internacional - UNINTER, São José dos Pinhais, 19p., 2020.

TOLSTOI, L. *O que é arte?* Traduzido por Bete Torii. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

_____. *O reino de Deus está em vós*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1984.

VALLE, B. *Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra*. Curitiba: Champagnat, 2003.

WITTEGENSTEIN, L. *Cultura e Valor*. Tradução de Jorge Mendes. Lisboa: 70, 1980.



_____. *Cadernos (Notebooks): 1914-1916*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

ZWEIG, S. *O pensamento vivo de Tolstói*. Tradução de Lígia Austran Rodrigues Pereira. São Paulo: Martins, 1965.

Recebido: 23-04-2021

Aceito: 17-08-2021